

534. açorianices 13 dez 2011 CAROLINA 1

disseram para falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
conceiras, milhafres e cagarros
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse
autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
o governo pagava e promovia
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina
avisto o mar em desalinho
mas sem hidranjas
nem vacas alpinistas
nem açores a esvoaçar

não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente.



543. ao urbano Bettencourt 2 abril 2012 BRITES 1

urbanamente vives
nas pinceladas das tuas palavras
a tua paleta pinta poesia
teus livros erguem-se impantes
como teu Pico natal
amores e desamores de ilhas
que unes em pontes de poesia
que sentes em dores
que pariste em árvores
sem sombras nem véus
nenhuma luz apagarás!

544. ao eduíno de Jesus 2 abril 2012 LUCIANO 1

as tuas palavras esguias
insinuam-se enleantes
preenchem os nichos do silêncio
em silos de poesia
buriladas em filigrana
sente a ilha e a língua
nelas aprendi a geografia
e o amor inconquistado
sem silêncio nem silos

568. Sem perfume de caju, ao urbano bettencourt 18 janeiro 2013 CONCHA
1

na humidade da savana
no calor da tabanca
tange urbano a sua harpa
palavras aceradas como o vento suão
batuque abafado na bolanha
longe do país de bufos e beatas¹
traduzes as sílabas de morte e vida
rumores desse cheiro de África
que nunca conseguiste lavar
colado na pele que esfregas
com napalm e metralha
nem com as chuvas da monção

¹ In Urbano África frente e verso p.62

573. fados e sambas, 5 abr 2013 CHRYS 1

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor
tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores
tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

615. brumas 02 ago 2013 CAROLINA 2

eram de espuma
 as palavras
eram de sal
 as ondas
eram de gaze
 as nuvens
eram de orvalho
 as lágrimas
eram de névoa
 os montes
 o verde surreal
 as lagoas
eram de medos
 os vulcões
 e procissões
eram de espuma
 as ilhas dos açores

627. (à brites araújo), moinhos, 16/8/2013 LUCIANO 2

imagino a brites araújo
de cravo e bandeira na mão
gritando a plenos pulmões
que a liberdade é merecida
que a rua é dos poetas
que o 25 de abril não é de todos
mas será sempre para todos
mesmo para aqueles que o negam

imagino a brites araújo
de manifesto e megafone na mão
declamando a poesia da alforria
das conquistas irreversíveis
quando os esbirros vierem
feitos controladores do pensar
sei que ela estará lá
e abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar
será poema e arma
e o corpo desvanecido
será escudo e estandarte
para que a liberdade não morra
nem haja estertor do povo
com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala
e a voz dos poetas
troca mais que a da bala

631. ilhas, moinhos, 20/8/2013 BRITES 2

estar numa ilha
é como viver num cais
à espera do barco que nunca chega

viver numa ilha
é sonhar
construir a jangada
desfraldar velas

estar numa ilha
é ir para o campo
plano e raso
à espera que construam
o aeroporto

a única forma
para viver numa ilha
é imaginá-la à saramago
como um continente à deriva

estar na ilha
é imaginar a fuga
sonhar com a saída
levá-la a reboque dos sonhos
embarcar nas nuvens
vogar na maré baixa
planar nas asas dos milhafres
e voltar sempre
 ao ponto de partida

632. ser açoriano, moinhos, 19/8/2013 CHRYS 2

não se é ilhéu
por nascer numa ilha
é preciso sentir-lhe a alma
partilhar raízes e dores
acartá-la nos partos difíceis
tratá-la nas enfermidades
acariciá-la nas alegrias
plantar, semear e colher seus frutos
alimentar as suas tradições
preservar a sua identidade

não se é açoriano
sem amar as suas ilhas
levá-las ao fim do mundo
morrer por elas
 com elas
 para elas

641. aos açores, moinhos, 24/8/13 CONCHA 2

...
aos açores só se chega uma vez
depois são saídas e regressos
transumâncias
trânsitos e errâncias

...
dos açores não se parte nunca
levamo-los na bagagem
sem os declararmos na aduana
acessório de viagem
como camisa que nunca se despe

...
nos açores nunca se está
a alma permanece
o corpo divaga
mas a escrita perdurará.

652. literários voos, moinhos, 30 maio 2014 CAROLINA 3

o pássaro furtivo
veio debicar a palavra
migalha de frases
que o poeta jorrara

na ilha do arcanjo
e noutras ilhas dos açores
os pássaros chilreiam poesia

653. sair da ilha, moinhos, maio 30, 2014 BRITES 3

o marulhar das águas
embala caleidoscópios
sem âncoras nem amarras
vogamos sem destino
ao sabor dos ventos

o importante é sair da ilha
alijar bagagens
nascer de novo
longe, bem longe
lá, onde se aprende a saudade

660. demo-cracia, moinhos 29/8/2014 LUCIANO 3

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império
depois finou-se a ditadura
hoje agoniza a democracia
sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo
sonha-se poesia e utopia
como se ainda houvesse esperança
ou o político se vestisse de anjo
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

675 mar e bruma (moinhos 18/7/2015) CONCHA 3

todos os poetas
que escreveram sobre os açores
gastaram a palavra mar
e a bruma

a mim para escrever açores
resta-me a palavra
amar

676 o ruído do poema, (moinhos 20/8/2015) BRITES 4

o ruído do poema
enche o silêncio da palavra
pássaro fugaz
alquimia breve

há magias por decifrar
na negra lava
vulcões silentes
no ruído da palavra

no porto de abrigo
sem naus nem caravelas
palavras mudas
no ruído do poema

Ao dr José ramos horta

547. eleições sem lições em Timor, 8 julho 2012 CHRYS 3

dili 23 setembro 1973
cheguei hoje a Timor português
a vinda marcará a minha vida para sempre
sem o saber nunca mais nada será igual
o futuro começa hoje e aqui
entrei no tempo da ditadura
sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,
imagens e odores
sonhos de pátria e amores
divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas
partido rebelde revolucionário
tinha uma voz e usei-a
tinha pena e escrevi sem parar
para mais livros que filhos
para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura
24 de luta independentista
agora que a Lois vai cheia
e não se passa na seissal
já maromác se apaziguou
crescem os lafaek nos areais
perdida a riqueza do ai-tassi
gorada a saga do café
resta o ouro negro
para encher bolsos corruptos
sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas
sem luz, água ou telefone
repetindo gestos seculares
mascando sempre mascando
o placebo de cal e harecan
mas com direito a voto
para escolher quem o vai explorar
sob a capa diáfana da lei e ordem
do cristianismo animista

oprimido sim mas enfim livre.

548. queria ser toké 11 julho 2012 LUCIANO 4

eu queria ser toké e contar o que vi
desde que partiste em 1975
queria saber falar
dar os nomes os locais e os atos
de todas as atrocidades, violência e mortes
que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser toké e escrever tudo
queria contar o que não querem que se saiba
queria contar o que não queriam que se visse
queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos
que extinguiram a nossa história
como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas
todos os que foram chacinados
violados, torturados e obnubilados
voar com as crianças que morreram de fome
as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te Timor
e não posso senão escrever palavras
lembrar teu passado heroico
sonhar futuros ao teu lado

549. alucinação na areia branca (Timor) 11 julho 2012 CONCHA 4

era maio em 1975
havia luar na areia branca
sem ondas na ressaca
caranguejos azuis na fina areia
baratas voadoras à frente dos faróis
eram pequenos os lafaek e raros
quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em dili
o escuro dos montes

entre nós e o ataúro
deslizavam barcos espiões
antecipavam a komodo
ensaiavam invasões

corri a alertar
ninguém quis ouvir
escrevi e denunciei
chamaram-me alucinado

nunca imaginei o genocídio

550. timor nas alturas 15 julho 2012 CHRYS 4

queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores

queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquiçá
beber o café de ermera
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales
sussurrar por entre as folhas do arvoredado
navegar nos seus beiros
rumar ao ataúro e ao jaco
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu

685 dili inundado, 6, fevº 2016 CAROLINA 4

maromác zangou-se
as ribeiras transbordantes
em dili nada mudou
tudo alagado como dantes

décadas depois
nem os milhões do petróleo
dominam as águas
passados quarenta anos
sem dinheiro para voltar
dominam-me as mágoas

a minha saudade
rima com verdade

